

A elaboração da produção simbólica da nação: a *Semana Ilustrada* na cobertura da Questão Christie (1863)

Angela Telles

Neste trabalho analisaremos caricaturas e charges publicadas na *Semana Ilustrada* (1860-1876), periódico publicado no Rio de Janeiro, sobre a Questão Christie (1863), acontecimento diplomático envolvendo o Império do Brasil e a Grã-Bretanha. O objetivo deste estudo é tentar perceber a construção de uma identidade nacional nessa produção simbólica de imagens relacionadas ao episódio em que o Império do Brasil acabou por romper seu relacionamento com a maior potência da época, a Grã-Bretanha. Entendemos que as revistas ilustradas publicadas no Segundo Reinado, no Rio de Janeiro, participaram intensamente da construção da imagem de Brasil e do imaginário nacional brasileiro onde se deram muitas das correspondentes disputas simbólicas relacionadas à vida política do império.

Os acontecimentos sobre a Questão Christie tiveram ampla cobertura da *Semana Ilustrada*, que lhe dedicou vários números. Christie era o representante do governo inglês no Rio de Janeiro por ocasião de dois incidentes ocorridos nas costas brasileiras, em 1861 e 1862, envolvendo duas embarcações inglesas, as fragatas *Prince of Walles* e *Fort*, que motivaram reclamações da parte do representante inglês, que contava com o apoio de Lord John Russel, que dirigia o *Foreign Office*. Christie exigia indenização por motivo de pilhagem de salvados, no caso do naufrágio na costa do Rio Grande do Sul da *Prince of Walles*. No caso da fragata *Fort*, em que três oficiais ingleses embriagados causaram arruaça no bairro da Tijuca, e conseqüentemente, foram presos; a exigência de Christie era a repreensão e punição das autoridades brasileiras envolvidas no incidente. O comportamento de Christie em relação a esses acontecimentos foi considerado desagradável pelo governo imperial, de modo que o ministro inglês tornou-se alvo de muitas críticas nos periódicos da época. A *Semana Ilustrada*, de propriedade do alemão Fleiuss, não poupou o diplomata inglês, estampando caricaturas e charges acerbas, em que Christie é apontado como o pivô da

questão, que culminou com um ultimato, em 5 de dezembro de 1862. O ultimato estabelecia um prazo de 15 dias para que fossem satisfeitas as reclamações exigidas, senão usaria medidas extremas. D. Pedro II, por sua vez considerou uma afronta o ultimato e não cumpriu as suas exigências. Christie ordenou ao almirante inglês Warren que começasse a apreender navios brasileiros na entrada da baía de Guanabara. Nesse momento reavivaram-se as prevenções antibritânicas de 1850 (*Bill Aberdeen* – questão do tráfico), a população do Rio de Janeiro ficou revoltada, colocando-se ao lado de d. Pedro II, na defesa da honra nacional.

Em fins de maio de 1863 ficaram interrompidas as relações diplomáticas entre o Brasil e a Grã-Bretanha, e, somente em 1865 foram reatadas, quando a rainha Vitória mandou em missão especial ao Brasil o ministro Edward Thornton, que foi recebido pelo imperador d. Pedro II no acampamento de Uruguaiana, em 23 de setembro de 1865, no Rio Grande do Sul, durante a Guerra do Paraguai.

Sabe-se que inúmeras são as representações utilizadas na construção de identidades nacionais. A figura do índio, símbolo da identidade nacional durante o período imperial, que já vem sendo objeto de vários estudos, não gozou de exclusividade nas páginas da *Semana Illustrada*, outros elementos constitutivos da nação, dentre as quais, paisagens típicas, costumes, especialidades culinárias, compõe o repertório de imagens da revista.

A *Semana Illustrada* nº 108, 4/01/1863, publicou em suplemento uma charge, que inaugurou a discussão em suas páginas, em um momento de exacerbação dos acontecimentos da Questão Christie, por conta da intervenção britânica em solo brasileiro. O ultimato dado a 5 de dezembro de 1862, pelo governo da Grã-Bretanha ao governo brasileiro, expirou a 20 de dezembro e no dia 31 era bloqueado o porto do Rio de Janeiro e capturado cinco navios brasileiros, pela marinha britânica.

No campo da obra destacam-se, no primeiro plano, à esquerda jovem índio, representando a nação brasileira, portando arco e flecha, enfrentando, à direita, militar inglês (marinha britânica), portando dois canhões, mostrando documento, com inscrição: “Ultimatum”. Há também, na representação das figuras, em primeiro plano, uma diferença de proporções e

de armamentos, sugerindo uma desigualdade de forças nessa disputa. No segundo plano, embarcação britânica (nau-capitânia), que bloqueava a entrada do porto do Rio de Janeiro a embarcações brasileiras e ameaçava desembarque de parte de guarnição. O cenário é a paisagem da baía de Guanabara com o Pão de Açúcar, ao fundo, como símbolo da cidade e da nação. A legenda faz menção a dois símbolos vinculados a imagem da nação brasileira – o café e o algodão -, que são representativos das trocas comerciais com aquele país, a Grã-Bretanha. Os dizeres da legenda sugerem a interrupção das relações comerciais entre Brasil e Grã-Bretanha, pela afronta desta, intervindo com sua marinha na costa brasileira. O governo inglês a muito queria celebrar um tratado de comércio com tarifas preferenciais com o governo brasileiro, mas dessa forma, segundo a mensagem da legenda, não iria conseguir.

Mister John tome cuidado

Não me faça aqui banzé –

Já ficou sem algodão

Agora fica sem o café - .

Há, portanto, nessa imagem elementos significativos da construção da identidade nacional, o índio e o Pão de Açúcar.

Outra charge, significativa dessa questão e exemplar desse jogo simbólico de construção da nação, foi a publicada na *Semana illustrada* nº 111, 25/01/1863, alusiva á reação popular ao bloqueio do porto do Rio de Janeiro e o apresamento de cinco navios brasileiros pela Inglaterra, desencadeando protestos contra comerciantes e súditos ingleses, alvos das fúrias da população da Corte.

Fleiss destaca, no primeiro plano, perna estendida de marinheiro inglês, com diminutas flechas, sobre território brasileiro. O marinheiro inglês está representado por uma figura híbrida, corpo humano e cabeça de leão, animal emblemático de identidade da nação britânica. As flechas, por sua vez, simbolizam a nação brasileira, armas dos índios, que

estão representados em proporções diminutas em relação á gigantesca figura leonina, representativa da nação britânica, que foi atingida ao ousar estender o seu domínio aquele território do outro lado do Atlântico, habitado por valentes guerreiros. A diferença de proporções enfatiza a desigualdade de forças nessa questão diplomática, entre o Império do Brasil e a Grã-Bretanha. A Grã-Bretanha era a primeira potência da época no concerto das nações. A águia coroada, emblemática da nação britânica também faz parte da charge, em vôo, na parte superior, à esquerda. A legenda reforça a imagem e explicita o interesse econômico comercial por trás dos acontecimentos:

In illo tempore dixit [Naquele tempo disse]

Christie os seus patrícios:

Desejando dar-vos que comer, eu estendi uma perna desde a

Inglaterra até o Brasil, onde consegui pôr o pé: mas

Infelizmente uma chuva de flechas lançadas pelos caboclos

Me fizeram mais que depressa desocupar o ponto.

Na ocasião a Inglaterra pressionava o Brasil por um acordo comercial e Fleiuss, publicou no nº 109, 11/1/1863, uma charge mostrando um leão marcado com as armas da realeza britânica, de olhos arregalados e língua de fora, sugerindo a gula do animal, em devorar produtos representativos da nação brasileira, lingüiça do Rio Grande, queijo de Minas, cacho de bananas, ramo de café, e outros. Nessa composição Fleiuss contrapõe um animal emblemático e a comida típica, para representar as duas das nacionalidades envolvidas na questão diplomática. Outro aspecto a ressaltar nessa imagem, é a incorporação de províncias do Império, representadas através de seus produtos.

Após as retaliações britânicas a população da corte imperial revoltou-se contra os ingleses, boicotando seus produtos. Fleiuss publicou um desenho, na *Semana Illustrada* de 1/03/1863, abordando o assunto.

No campo da obra, á esquerda, serviçal, portando bandeja com pudim, à direita, homem, gesticulando, sentado à mesa de jantar. A legenda explicativa enfatiza a revolta da população da corte boicotando produtos ingleses.

Vingança de um patriota.

Moço – V. S. quer para sobremesa um pouco de plum pudding!

- *Malvado! Plum pudding! Não sabes que jurei não engolir nada inglês?*

Gosto bem disso, mas se quiseres que eu coma, chama-o pudim, porque com este nome brasileiro eu não quebro meu juramento.

Em outra charge publicada no nº 109 da *Semana Illustrada*, 11/01/1863, alusiva à decisão do governo de pagar à Grã-Bretanha o valor reclamado como indenização pelos prejuízos da fragata *Prince of Wales*, naufragada nas costas do Rio Grande do Sul, em 1861, outros símbolos das duas nacionalidades foram utilizados.

No exemplo que se coloca a nação britânica enfrenta a nação brasileira reafirmando seus atributos mais caros, que são os símbolos que as distingue, tais como São Sebastião, símbolo da cidade do Rio convertido em símbolo da nação brasileira – se contrapondo a São Jorge, símbolo da nação britânica. São Sebastião, santo mártir, à esquerda, não está representado com seus atributos representativos (de peito nu, flechado, amarrado em tronco), ele está trajando vestimentas de guerra; à direita, São Jorge, dominando dragão, santo guerreiro. No segundo plano, Santo Antônio, santo milagroso, despejando moedas nas mãos de São Jorge. A legenda reforça o desenho. “Com uma bolsa de libras esterlinas Santo Antônio evita, por um de seus milagres, o conflito entre S. Jorge e S. Sebastião”.

Essa indenização paga pelo governo brasileiro ao governo da Grã-Bretanha, não amenizou a tensão diplomática entre as duas nações. Houve, sim, uma negociação em acordo entre o Império do Brasil e a Grã-Bretanha, em que o governo brasileiro se comprometia a pagar a indenização exigida no caso da fragata *Prince of Wales*, mas no caso da fragata *Fort*, a questão deveria ser submetida a um juízo arbitral. Era a honra do país que estava em jogo.

Essa questão da honra nacional em jogo foi objeto de outra charge de Fleiuss, publicada no nº 122, 12/04/1863, em que mais uma vez, símbolos representativos das duas nacionalidades são destacados.

No campo da obra, à esquerda, leão deitado aos pés de Lord John Russel, ministro dos Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha, segurando balança, pendendo do mais leve, um saco, com inscrição: “L 3.200” [valor da indenização paga], e do lado mais pesado, coroa imperial brasileira; à direita, sentado, observando a balança, ministro dos Negócios Estrangeiros do Império do Brasil, marquês de Abrantes, Miguel Calmon du Pin e Almeida. A legenda reforça a imagem e sugere a pressão inglesa por um tratado comercial.

Lord – Russo [Russel] – O abaixo assinado não pode de maneira alguma anuir a semelhante exigência, pois que a balança ainda pende muito para o Brasil: conceda o Brasil alguns artigos de um tratado do comércio, que então o peso será igual.

O Brasil – não desconheço que auri sacra fames sempre foi vossa divisa e, portanto, não faço questão de dinheiro, mas sim de honra: espero pois uma satisfação formal pelos insultos que me fizeste, que sobre o seu preço pecuniário tudo se arranjará.

Aproveito a oportunidade para renovar a Lord Russo os cordiais sentimentos da minha distinta veneração.

Há, além disso, uma crítica não só ao pagamento, mas também a ganância inglesa por dinheiro, como podemos observar mais explicitamente, em outras charges, como a publicada em 26/4/1863, mostrando, no primeiro plano, Christie e o secretário do *Foreign Office*, Lord John Russel, sentados à mesa, com saco, com inscrição: “L 3.200”, pesando moedas em balança, quantia paga pelo governo brasileiro ao governo britânico como indenização no caso da fragata *Prince of Walles*. Ao fundo, inscrição “*Honi Soit Qui Ma[]... Y Pense*” [Maldito seja aquele que julga mal disso], divisa da mais importante ordem da Inglaterra, a Jarreteira, instituída pelo rei Eduardo III. A legenda reforça a mensagem da

imagem, apresentando uma estrofe de um poema de Gonçalves Dias, considerado um dos mais significativos representantes dos poetas românticos indianistas.

Ouro – poder, encanto de maravilha.

Da nossa idade, -regador da terra,

Que dás honra e valor, virtude e força,

Que tens ofertas, ablações e altares. –etc. etc.

Gonçalves Dias.

O movimento do indianismo sedimentou um discurso retórico, em que um índio ideal é pintado como o representante da nação, símbolo nacional. Um indígena representado como um herói, guerreiro, bravo, disposto a sacrifícios pela pátria, ilustre representante de um passado imemorial, primeiro habitante do solo americano, cujo habitat era a floresta tropical, que também foi mitificada e desenhada como símbolo da nação, pelos artistas engajados nesse esforço de construção da nação, que participaram do movimento indianista.

Não foi por acaso que a *Semana Ilustrada* no nº 119, 22/03/1863, escolheu um índio pintado por Debret, para simbolizar a nação brasileira durante os acontecimentos da Questão Christie.

A imagem que se destaca no primeiro plano é a do índio guerreiro, que faz parte de um conjunto de pranchas aquareladas por Debret, que integram o seu livro *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*, publicado em 1834. A legenda é composta pela estrofe VI do verso de Gonçalves Dias, “O Canto do Guerreiro”, que faz parte da coletânea *Poesias Americanas*.

Se as matas estrujo

Mil homens de pé,

Co'os sons do Boré,

Eis surgem, respondem

Mil arcos se encurvam,

Aos sons do Boré!

Mil setas lá voam,

- Quem é mais valente

Mil gritos reboam,

- Mais forte quem é?

O grão cacique das aldeias dos Índios do Ceará, que ofereceu-se ao presidente da província para marchar a testa das suas tribos no caso de guerra com a Grã-Bretanha, mostra como dará o sinal de combate.

Percebe-se, ainda, que essa litografia estampada na *Semana Illustrada* não traz assinatura. Houve uma apropriação do desenho de Debret, uma utilização do livro *Viagem Pitoresca* como um banco de imagens, portanto, não importava o autor, e sim a força daquela imagem para atrair o olhar do público leitor. Pode-se observar também, na litografia a supressão de elementos que compunham o desenho original de Debret, em que aparecem outros índios, eliminados para dar destaque à figura principal do índio guerreiro, convertido em símbolo heróico da nação. Foi impressa naquela imagem uma potência que não havia sido imaginada pelo artista francês.

Na abordagem ao focalizarmos um episódio diplomático entre o Brasil e a Grã-Bretanha nas páginas de um periódico ilustrado, foi por entendermos que aí se travou uma intensa elaboração simbólica, em que podemos perceber um processo de construção de uma nacionalidade em contraposição a uma outra. Nesse sentido, essa elaboração valorizou a nacionalidade brasileira, como podemos observar mesmo quando os ingleses são representados como mais fortes, poderosos, e ameaçadores, se contrapõe à coragem, audácia, honra e engenhosidade da nação brasileira, que se levanta ferida em seus brios.